

MORTE HUMANARener Olegário Lopes¹

RESUMO: Neste trabalho iremos desdobrar sobre a grande problemática existencial da morte, quais são as formas e resultados da morte na procissão da vida do ser humano. Encontrar na vida humana, motivos e sentidos para o fim, para que não seja ao final frustrante e desesperador a hora chegada. Nisso apresentamos motivos para perguntar: Como sentir a morte? Desejamos a morte? O que é a morte? O que há depois da morte? Temos consciência da morte? Esses são os questionamentos, indagações existências que todo o ser humano se faz diante sua vida terrena. São perguntas que emanam de nossos sentimentos, cadeias racionais, emoções diante de situações diversas, desde nosso crescer, viver e por fim, sem mais estruturas biológicas vivas para continuar, denominada como fim, a morte. O ser humano é limitado, incapacitado, medroso e isso sempre propicia as perguntas como: há outra vida depois da morte? Eu voltarei a viver? O que sustenta meu viver? Podemos afirmar uma coisa: todos sabem que vão passar pela morte, sabem que vão enfrentá-la, e é certo que irão deparar-se com ela. Tendo a consciência deste fim, facilitará a explicação e darão sentido a inúmeras atitudes, pensamentos, ajudando a situar na existência, sabendo melhor viver. A morte será sempre um assunto que estimulará inúmeras perguntas, para quais nem sempre haverá respostas reais e certas.

Palavras-chave: Morte. Vida. Existencialismo. Consciência.

ABSTRACT: On this work, we will discuss about the existential problem of death, which are the ways and results of death in the human life procession. Find in the human life, reasons and senses of the "end", to avoid a frustrated and hopeless when the time arrives. On this way, we present reasons to ask: How to feel death? Do we desire death? What is death? What a waits after death? Do we have conscience of death? These are the unquenchable questions that are asked during a humans life span. These are questions that arise from are feelings, from are rational minds and from emotions that come to existence in diverse situations in ones life. We grow, we live as determined by the human biological clock that ends at death. Human beings are limited, incapable, and fearful and a result of such questions arises: Is there life after death? Will I live again after death? What sustains my living? We can affirm one thing: all humans know they will die. They have conscience of such ending making it easier to find explanations and answers about many human attitudes, actions and thoughts, helping us to understand how to better live are lives. Death will always be a subject that stimulates unending questions, questions that in most cases will not have a real or certain answer.

Keywords: Death. Life. Existentialism. Conscience.

1 INTRODUÇÃO

O assunto sobre a morte está presente na mente de muitas pessoas, gerando sempre angústia ao tentar respondê-la, uma vez que nós não estamos preparados para aceitar este acontecimento que está presente em toda criatura. Muitos foram os filósofos que buscaram uma reflexão mais profunda acerca deste tema. Vários afirmam conhecer a morte ou explicam

¹Graduando em Filosofia pela Faculdade Serra da Mesa (FASEM), Uruaçu-Goiás. E-mail: rener.pneu@gmail.com.

a morte por meio da imortalidade. Uma larga tradição filosófica que remonta nos pensadores gregos, especialmente Platão, aceita como óbvio que o problema fundamental, que expõe a morte, é o de saber se a alma espiritual pode sobreviver depois da morte, e se pode sobreviver, como pode pensar e atuar sem o corpo.

1.1 O Sentido da noção de morte

Morrer é um processo - mais ou menos longo, tranquilo ou doloroso, dependendo das circunstâncias - que acontece independentemente da duração da vida, nos últimos momentos de uma existência pessoal. Meu morrer não é um processo exterior a minha vida, mas presente e que se atualiza, na e durante minha vida. Só posso morrer se estiver vivo. O filósofo alemão Martin Heidegger, citado por Bernard N. Schumacher (2009), afirma que: “Tão logo chega à vida, o homem já está bastante velho para morrer.”

O momento da passagem do ser vivo para o ser na morte é chamado de falecimento, o qual Santo Agostinho designa como o instante, o processo de passagem temporal do corpo ao cadáver, um portal ou a fronteira entre o mundo do vivo e do morto.

1.2 A Natureza da morte

A morte é definida em dois caracteres: o biológico e o pessoal. O primeiro seria referente à morte tradicional ou, segundo a morte do córtex. A morte pessoal é muito debatida em dias atuais, devido aos inúmeros casos, como aborto, eutanásia, infanticídio que questionam em que momento realmente a morte no indivíduo é reconhecida como certa.

Muitos pesquisadores classificam a morte da pessoa, como perda da consciência, concebida como cessação completa do ser de um sujeito de estados mentais contínua, ou como a parada de toda relação deste sujeito biológico. Então, se pergunta: Podemos valorizar uma vida mesmo inconsciente ou valorizamos a vida somente como vetor de consciência? A inutilidade do ser humano começaria quando perdesse seus estímulos mentais? Para responder ou ampliar ainda mais inquietações o autor do livro *Confrontos com a Morte*, Bernard N. Schumacher (2009), diz:

Na minha opinião, estamos diante de problemas distintos: o valor ou a qualidade da vida não poderiam constituir critérios de análise essenciais numa investigação sobre a natureza da morte, assim como não são capazes de determinar se a vida ainda existe num indivíduo particular nem se ele está morto.

Determinar a vida ou a morte supera os níveis, esquemas sistemáticos da ciência experimental, pois não se pode definir precisamente a morte do ser humano diante da falta de pensamentos ou respostas biológicas. Isso abriria a questionamentos de grandes agressões à dignidade humana, como o aborto, pesquisas para fertilização *in vitro* entre outras experiências.

2 A CONSCIÊNCIA DA MORTE E SEU CONHECIMENTO FENOMÊNICO

Perante esta problemática da consciência humana como “fator de certeza” da morte, vários filósofos e psicólogos questionaram, durante anos, a existência da consciência da morte nos animais primitivos e crianças e como são suas relações com a morte do outro que é análoga a sua.

2.1 O Animal

De pesquisas científicas questiona-se toda uma ideologia em que se há uma consciência nos animais que pressupõe alguns estados mentais, sendo estes “verdadeiros fenômenos”, comprovados por métodos e determinações noticiadas pela ciência, que ao final se perguntam: o animal tem consciência da morte? A etologia, a ciência que estuda a fundo todos os comportamentos dos animais, classifica que os desempenhos dos animais têm certa organização e prevê certas ações com objetivos precisos, demonstrando uma “consciência” em resultados obtidos, adaptando-os e inovando-os. Levanta então grande questionamento: Os animais têm consciência de suas atitudes? Objetivos?

Questiona-se esta realidade de um possível conhecimento dos animais, porque, se eles conhecem, terão também consciência da morte, esta seria a afirmação dos cientistas. Não se pode afirmar claramente se existe uma consciência animal nem de certa aptidão de suas faculdades cognitivas, pois pode basear-se que alguns animais (exemplo os chimpanzés) podem representar desejos, emoções e até um sentimento de perda e separação com sua mãe, demonstrando assim, certa consciência de morte.

Todavia, as manifestações destes chimpanzés são totalmente instintivas, seus congêneres não expressam tais atitudes, diante os outros, uma compaixão por aquele que passou pela perda e pela separação do ente querido. Estas observações tendem mostrar que a morte não é percebida como tal. Os macacos reagem como se estivessem de um parceiro que não responde mais, isso é bem remota para distinção de morto e vivo. “Além disso, o fato de

sentir ou de “compreender” a morte como uma perda, um desaparecimento ou uma migração para outro grupo da espécie não implica necessariamente a existência de um conceito de morte” (SCHUMACHER, 2009).

2.2 “O primitivo”

O primitivo era, portanto, representado como um ser pueril, grosseiro, perdulário, comparável aos animais e aos imbecis. O filósofo e sociólogo Herbert Spencer (1862), diz: “O cérebro do primitivo é não especulativo, incapaz de criticar e de generalizar, e que as únicas noções que tem são as dadas por suas percepções”. Não existe ligação necessária entre a individualização e consciência da ameaça da morte; a morte pode ser percebida por um indivíduo, como um bem, porque constitui um fenômeno natural, uma lei de regeneração a qual ele simplesmente se encontra e deve ser finalizada.

Nas realidades primitivas, em um primeiro momento, os seres primitivos consideravam, depois de cadáver, como uma mera coisa, porém alvo de cuidados especiais, por certas razões morais e tradicionais. Os ritos funerários e a atitude com o defunto, contudo, variam segundo sua posição social. Desta forma, o falecimento de um chefe ou de uma personalidade importante do clã suscita uma reação diferente daquela, diante do falecimento de um estrangeiro, uma criança ou um escravo, que podem deixar a comunidade indiferente.

A morte é universalmente recebida como um acontecimento ruim. Sem dúvida ela põe um ponto final na existência material de um sujeito, mas também, e antes de tudo, na vida do ser social que estava enxertado na individualidade física, e é conseqüentemente, uma perda de unidade para a comunidade, assim como um atentado ao próprio princípio da vida em sociedade e, portanto, a fé da comunidade em si mesma.

Em terceiro lugar, a morte não é sentida como um acontecimento natural. O primitivo não explica sua própria morte futura e dos outros por motivos naturais, biológicos, mas sim, forças místicas, mágicas e sobrenaturais. Para ele, a morte é essencialmente devida a uma influência espiritual, a maus espíritos, feitiçarias, causas externas a sua natureza corpórea.

A consciência da própria morte pressupõe a percepção de seu “eu”. A morte dos outros, principalmente a do ser amado, provoca reações no nível comunitário e pessoal, sempre desestabilizando a comunidade.

2.3 A Criança

Alguns estudiosos tanatólogos, afirmam que a criança como o animal, desconhece sua mortalidade e distinção, entre um ser vivo e morto. Pode haver dois métodos empíricos que podem diferenciar a morte da vida, para criança: a primeira são as lembranças que os adultos têm de suas experiências e encontros com a morte, e outra observa e faz experiências clínicas com os comportamentos das crianças normais e doentes em face da morte. Não permitem, contudo, a formulação de certezas absolutamente definidas sobre a evolução do conceito de morte na criança.

O estudo da psicóloga Susan Carey (1985), por meio do método do mapeamento rápido (observação do desenvolvimento da criança) classifica em três estágios, as formas de percepção da morte pelas crianças. Na primeira (de três a cinco anos) percebe-se a morte como partida, uma viagem, um sono, sendo uma separação sofrida e triste, não sentida como definitiva ou inevitável, mas como reversível e temporária. O morto seria um “menos vivo”; provocando na criança uma sensação, uma inquietação e ansiedade, não distinguindo a morte com a vida. Na segunda fase (dos seis a sete anos), a criança percebe que a morte é irreversível e definitiva, o que deixou de existir não irá voltar. A terceira (a partir dos nove), seria a fase de compreensão da criança diante do assunto da morte, como fim de um processo biológico, como inevitável, universal, pessoal, percebendo que a morte faz parte de todo ser humano.

Outra psicóloga, chamada Myra Bluebond-Langner (1974), observou crianças que estavam doentes (sofrendo de leucemia). No referido estudo, determinou cinco etapas para o reconhecimento da morte: 1) inicialmente reconhecem que apresentam uma grave doença; 2) sabem quais os remédios que tomam e qual deve ser sua ação; 3) compreendem os objetivos do tratamento e dos procedimentos aos quais se submetem; 4) percebem que sua doença é constituída por uma série de recaídas e melhoras; 5) percebem que esta série não pode se estender indefinidamente e que logo vão morrer. As crianças percebem que a consciência da morte não é propriamente seus aspectos biológicos e nem da idade, mas sua experiência pessoal, vivencial de doente que a aproximam da morte.

2.4 A Visão científica sobre a morte

O organismo biológico não contém nada, enquanto corpo, que transcenda sua natureza, e conseqüentemente, é natural que se destrua. O homem, como qualquer outro animal, percorre um ciclo vital: nasce, cresce, desenvolve e morre.

Existe uma ciência que estuda os problemas médico-legais relacionados à morte chamada de Tanatologia. É uma palavra de origem grega: *Thánathos* - o deus da morte e *Logia* - ciência.

A Tanatologia Forense é o ramo das ciências forenses que, partindo do exame, do local, da informação acerca das circunstâncias da morte, e atendendo aos dados do exame necrópsico, procura estabelecer: a identificação do cadáver, o mecanismo da morte, a causa da morte e o diagnóstico diferencial médico-legal (acidente, suicídio, homicídio ou morte de causa natural). Constata-se que, a relação e o significado que dão (os cientistas) a morte são bem metodológicos e experimentais. Para esta ciência, a morte pode ser definida como a cessação total e permanente das funções vitais. No entanto, alguns autores afirmam que não é um momento, é um processo que se vai desenrolar ao longo do tempo.

Numa perspectiva médico-legal este processo vai arrastar-se no tempo e darão lugar ao aparecimento de um conjunto de fenômenos que são objeto de estudo, de interpretação e que muitas vezes se revelam importantíssimos na investigação criminal, os fenômenos *post-mortem*.

2.5 A Visão metafísica sobre a morte

Todo ente material está sujeito à corrupção. Segundo a metafísica, todo este substancial material, enquanto que composto de matéria-prima e forma substancial está sujeito à corrupção, quer dizer, à mudança substancial: separação da forma substancial e da matéria-prima. Todo ser misturado tende a corrupção. A morte seria “a crise” dessa união substancial que é em cada homem, dolorosa porque o corpo é inato ao espírito; “Meu corpo deixou de ser meu; agora é um corpo, um composto químico”. Tem-se assim a definição tradicional da morte como “a separação de alma e corpo”, remontando ao pensamento do grande filósofo Platão (428 a.C.-347 a.C.).

3 O DRAMA DA MORTE DE ACORDO COM A VISÃO DOS FILÓSOFOS CONTEMPORÂNEOS

3.1 O ser-para-a-morte em Heidegger

A questão da constituição ontológica de ‘fim’ e ‘totalidade’, obriga a tarefa de uma análise positiva dos fenômenos da existência até aqui postergados. No centro destas considerações, acha-se a caracterização ontológica do ser-para-o-fim em sentido próprio da presença e a conquista de um conceito existencial da morte (HEIDEGGER, 1989).

Martin Heidegger é um dos principais expoentes da filosofia das correntes fenomenológica e existencial. Tem uma visão muito interessante a respeito da morte, pois condiciona todo o ser para morte. Diz Heidegger: “A morte se revela como a possibilidade mais própria, incondicionada e insuperável.” Encontra na temporalidade uma forma revelada na mortalidade inevitável, uma condição existencial impossível de evitar esta, temporalmente tem um fim com a morte. Haverá um momento em que cada Dasein (*ser-aí*) chegará ao fim de sua jornada existencial, quer isto lhe agrade ou não, é impossível de resistir ou impedir sua chegada. O ser-aí (a existência do homem) é imbuído de uma constante incompletude. O importante filósofo completa: “Sempre se é muito jovem ou muito cedo para morrer.”

Sugere Heidegger, que a maneira do Dasein entender a significação da totalidade de sua existência é este não considerar a morte como contingente, distante, bem definida, mas sim como uma certeza indefinida, mas eminente que é possível a cada instante. Para Heidegger, cada momento da existência é afetado por morte, ou pelo “ser-para-a-morte”, em alemão *Zein zum tode*. Este ser-aí é essencialmente finito.

Diante da certeza da morte, e isso enaltece o pensamento de Heidegger, o homem tem a oportunidade de escolher entre encará-la, aceitando tudo o que engloba esta condição, ou ainda, por ser essencialmente livre, se fazer indiferente na presença do inevitável, isto é, da possibilidade de existir, fim definitivo. Um dos motivos que levam o ser-aí a fugir de seu destino mais próprio é o medo do desconhecido. O viver para a morte, então, é o autêntico sentido da existência, pois nos afasta da simples submissão aos fatos e circunstâncias, dando sentido ao viver existencial.

3.2 A Morte e a nadificação de Sartre

Desse modo, espera-se recuperar a morte metamorfoseando-a em morte esperada. Se, com efeito, o sentido de nossa vida converte-se em expectativa da morte, esta, ao sobrevir, nada mais pode senão colocar sua marca sobre a

vida. Infelizmente, são conselhos mais fáceis de dar do que seguir, não por causa de sua fragilidade natural da realidade humana ou de um projeto originário de inautenticidade, mais sim por causa da própria morte (SARTRE, 1997).

Para Sartre, filósofo contemporâneo, existencialista e ateu, o homem é condicionalmente livre quando ele nasce, não é nada, e ele retorna ao nada quando morre; sua tese do existencialismo (as pessoas são responsáveis para fazer, construir sua vida), procura sempre a justificação da matéria, esta teoria é fundamentada em seu livro *Ser e o Nada*. Neste sentido, Sartre diz que a morte é: “Nadificação de todas as minhas possibilidades, nadificação essa que já não mais faz parte de minhas possibilidades” (SARTRE, 1997). Pode-se perceber que o próprio filósofo se contradiz, pois diz que o homem é livre, condenado à liberdade, contudo não poderá escolher morrer ou ficar vivo, e isso é negação da liberdade, porque o homem não poderá escolher.

Neste momento que o homem se depara com a angústia, que o acompanhará até o seu último suspiro. Não se pode escolher não morrer, e isso é uma negação da existência, uma negação da liberdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte seria então toda a limitação física, biológica, mental, psíquica do ser humano nesta vivência corporal. Doenças, enfermidades e medos nos facilitam o “encontro” e o conhecimento da morte como fenômeno, com suas formas previstas e importunas.

Todavia, a morte pode ser diferente do sentido de mal, que a maioria nela se encontra. O grande escritor inglês Chesterton, dizia que: “A morte não significa sua ausência, senão a presença em algum outro lugar”. Tantas, inúmeras, diversas perguntas formam nossa existência diante do tema da morte, saber reconhecê-la e nos preparar para ela, nos eleva, transcende a um nível que o mundo material não saberá explicar. Se dermos um sentido à morte, diferente da angústia eterna de Heidegger; podemos até desejá-la, como São Francisco de Assis (1224), expressava em seu *Cântico das Criaturas* quando diz: “Louvado sejas, ó meu Senhor, por nossa irmã a Morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar.”

Oferecer a morte como forma plena de uma vida, bem vivida, propicia um bem e paz de espírito. Onde o corpo sofre, padece, contudo, a alma descansa sempre em uma serenidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS. **O cântico das criaturas.** Disponível em:<
http://www.centrinho.usp.br/sfa/ff_02.html>. Acesso em 25 março de 2014. 1224.

BLUEBOND-LANGNER, Myra. **I know, do you?** A study of aware-ness, communication and coping in terminally ill children. Em:Schoenberg, B.; Carr, A.C.; Kutscher, A.H.; Peretz, D. &Goldberg, I. (Orgs.), *Antecipating grief*.(pp.171-181). NewYork. Columbia University Press.1974.

CAREY, Susan. **Conceptual Change in Childhood.** Cambridge, Mass.: Bradford Books for the MIT Press. 1985.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. n. 2351. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 3ª Edição. Petrópolis RJ: Vozes, 1989.

PLATÃO. **Fédon** - diálogo sobre a alma e morte de Sócrates. Tradução de Miguel Ruas. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Do romantismo até nossos dias.** Vol.3. São Paulo. Edições Paulinas, 1991 (Coleção Filosofia).

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigo. 4. Edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHUMACHER, Bernard N. **Confrontos com a morte:** a filosofia contemporânea e a questão da morte. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Loyola, 2009.

SPENCER, Herbert. **First principles.** Disponível em:
 <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mc000255.pdf>.> Acesso em: 10
 fevereiro de 2014. 1862.